



O Candeeiro

Horta Comunitária melhora vida das famílias do Povoado Gergelim

O Povoado Gergelim faz parte do município de Campo Alegre de Lourdes e fica a 6 km da sede. Tem luz elétrica desde 2008, através do Programa Luz para Todos, mas não tem água encanada. As fontes são 1 barreiro, 1 poço artesiano que puxa água para a horta e 1 lagoa onde as mulheres lavam roupa, além das cisternas para consumo humano.

Dona Teodora Pires da Silva tem 75 anos e é uma das moradoras mais antigas da comunidade. Ao lado do seu filho mais velho, Valdemar José de Souza, diz que hoje o Povoado tem aproximadamente 60 famílias. Depois da contagem feita, acreditam que a comunidade tem mais de 200 anos. Dona Teodora comenta que foi seu avô, José Antônio de Souza, o primeiro morador da comunidade.

Seu Fernando José de Sousa, quem gerencia o trabalho da horta junto às mulheres, conta que é costume as famílias plantarem semente de gergelim em suas roças. Quando era menino ouvia seu tio Pedro contar que houve um incêndio na mata, à margem da lagoa, conhecida por Lagoa do Gergelim, e no local do acontecido as mulheres semearam o gergelim para revitalizar a área. O gergelim é uma vegetação rasteira muito conhecida na região, de grande poder nutritivo.

As famílias cultivavam para consumo e também para comercializar, no geral, através do sistema de troca com produtos que comerciantes em comboios passavam por ali para descansar da viagem em animal, jumento ou cavalo, e sempre traziam de outros lugares para negociar café, rapadura, fumo, tecido, entre outros.

Dona Delcina Maria de Jesus, 72 anos, que também é uma moradora antiga e participante da horta comunitária, garante que quem conhece a verdadeira farinha do gergelim, feita com rapadura, farinha e pilada no pilão, enche a boca d'água. Diz que o gergelim também é consumido pelas famílias como tempero, pisado e colocado sobre o arroz. Da década de 70 para cá se desestimularam com o plantio do gergelim. Ainda se encontra nos roçados, mas é pouco. As famílias preferiram continuar se dedicando a plantação do roçado com feijão, mandioca, milho e abóbora, além da criação de ovelha, cabra e gado.

O trabalho da Agente de Saúde na comunidade

A Agente Comunitária de Saúde, Vanilde Pires Macedo, que atua a 11 anos no povoado, distribui e explica a cada família a importância do hipoclorito de sódio e assim conseguiu melhorar a qualidade da água de beber, além de sempre estar lembrando os cuidados com o uso a cisterna. Vanilde conta que com a chegada da cisterna e da horta comunitária a qualidade de vida das famílias melhorou. Antes só se alimentavam com produtos da roça e não havia a diversidade de leguminosas, verduras e frutas. As mulheres sempre tiveram o costume de cultivar canteiro no quintal, mas apenas com coentro, cebolinha e pimentão. Diz sentir uma diferença, principalmente nas crianças, quando faz a pesagem, e há bem menos registros de problema de saúde como a diarreia, gripe, verminose, dores estomacais, entre outros. Dona Valderina Pires da Silva Teles acrescenta dizendo que o suco de beterraba e da couve ajudou a diminuir a anemia em sua casa e a cenoura consome refogada no arroz, como também a couve.



Alguns membros do grupo na horta comunitária

Seu Fernando é o único homem que circula diariamente na horta. Atualmente, ali trabalham 25 mulheres, que representam 25 famílias. Cuidam de 120 canteiros, cada um medindo 1 metro de largura por 6 metros de comprimento. Cada mulher cuida de 4 a 5 canteiros. Um deles é separado para sementeira, lugar onde se faz as mudas. Seu Fernando diz todo satisfeito, que a horta chegou para melhorar a qualidade alimentar e a renda da família. É um incentivo e parceria da prefeitura que dá assistência e orientação técnica. Paga a ele mensalmente para coordenar e cuidar da limpeza geral. Foi seu Fernando quem cedeu o terreno de aproximadamente com uma área de 1 hectare para desenvolver a experiência que existe há 2 anos.

Lucimara de Sousa lembra de algumas regras de convivência que tem que ser respeitadas, como cuidar da água para preservá-la limpa, deixar os canteiros sempre organizados, permitir a entrada de crianças somente com os pais, doar a comunidade o que retorna da volta da feira não desperdiçar, entre outras regras.

Bem ao meio da horta tem um tanque quadrado de cimento que comporta 18 mil litros de água. Dona Aurení dos Santos Sousa conta que dessa forma facilita o uso do regador na hora de regar os pés de alface, couve, cenoura, beterraba, abobrinha, cebola, tomate, pimentão, pimenta e coentro. Também plantam um pouco de mandioca e ao fundo há uma cerca viva com plantio de maracujá. No momento o grupo está enfrentado um problema com pragas conhecidas popularmente por mosca branca e pulgão, que tem atacado os canteiros, principalmente o coentro. Mas seu Fernando vem fazendo tentativas com uso do defensivo natural feito a base de sabão caseiro, fumo de corda e água. Deixa a mistura de molho durante o dia e depois bombeia, que deverá ser no local atacado e não apenas sobre as plantas



Mulheres regando canteiros

Forma de comercialização das hortaliças

Valderina diz que a produção da horta atende primeiramente a necessidade da família. Somente aos sábados pela manhã que comercializam na feira, mas também durante a semana na própria horta e para a prefeitura que fazem uma venda direta, apenas as mulheres cadastradas. Estas hortaliças são distribuídas nas escolas.



Mulheres comercializam potes na feira

Da feira retornam para suas casas com outros produtos que complementam a necessidade da família. Ela conta que o valor arrecadado na semana varia de 20 a 40 reais, é de acordo com o movimento da feira e da quantidade das hortaliças que se leva. Para aumentar a renda, um grupo dessas mulheres, entre outras da comunidade, vendem na feira cerâmica de barro, como potes, alguidares, vasos e panelas. É uma prática antiga no povoado, desenvolvida pelas mulheres. O barro é retirado de outra lagoa que fica há 2 quilômetros da comunidade.

Dona Delcina fala que é uma atividade desvalorizada, mas tem satisfação de saber o ofício, pois é uma herança deixada pelos seus antepassados. Atualmente, as mulheres aguardam um retorno da prefeitura para a construção de um galpão, pois produzem as cerâmicas ao sol e sem condições de trabalho.